

# TEURGIA, O ESPÍRITO DA VIRTUDE & O POLITICAMENTE CORRETO

*Fernando Liguori*



modelo de vida ética que nos legou a cultura grega vem da Antiguidade e ele difere largamente do modelo ético da sociedade contemporânea cujo foco está no dever, no que devemos fazer e nas consequências, norteadas por todas as nossas ações. A virtude da ética na Antiguidade concentrava-se apenas em *como devemos ser*.

Existem inúmeras interpretações da ética na filosofia. Immanuel Kant (1724-1804) desenvolveu a deontologia, cujo *imperativo categórico* é a fundação de uma lei (*dever*) ética universal. Nesse caminho, a ética deve seguir absolutos que se apliquem a todos. Isso não constitui o que deveríamos ser, mas o que toda pessoa deve fazer, acima do que de verdade ela é. O valor moral está na ação por dever, determinando que a vontade individual deve se submeter ao dever.

John Stuart Mill (1803-1873) desenvolveu o utilitarismo, baseando-se no *princípio da maior felicidade*, onde o que o indivíduo deve fazer são ações que proporcionem a felicidade para um grupo de indivíduos ou a sociedade. Nesse caminho, a felicidade é definida pela ausência de dor e os motivos das ações são irrelevantes se elas proporcionam a felicidade de muitos, tirando deles a dor existencial, inerente a qualquer Alma encarnada. No utilitarismo o valor é inferido a partir do resultado final, quer dizer, se as ações de um indivíduo, independente de sua performance ou motivo produzem a felicidade – e alívio da dor – coletivos, então é moralmente bom. Se as ações de um indivíduo causam dor e sofrimento às pessoas, isso é moralmente ruim. Em uma sociedade de indivíduos medíocres isso é muito perigoso, principalmente no campo da política. Após o Séc. XVIII a sociedade ocidental vem desenvolvendo uma recusa a sensibilidade democrática em reconhecer que nem todos são capazes de desenvolver um caráter forte e virtuoso. A maioria das pessoas tendem às suas fraquezas, ignorância e covardia.<sup>1</sup> Votaremos a esse ponto adiante.

Voltaire (1694-1778) discorda deste utilitarismo de Mill e ética de senso comum, admitindo que essa ideia de virtude entre homens seja apenas um comércio de benefícios e àquele que não participa desse comércio não é considerado virtuoso e ético.<sup>2</sup> Ele diz: *Só admitiremos as virtudes que são úteis ao próximo? E então como posso admitir outras? [...] Nero, o papa Alexandre VI e outros monstros dessa espécie distribuíram benefícios; respondo com*

---

<sup>1</sup> Veja Luiz Felipe Pondé, *GUIA POLITICAMENTE INCORRETO DA FILOSOFIA*, Leya, 2012, p. 38.

<sup>2</sup> Veja Voltaire, *DICIONÁRIO FILOSÓFICO*. Lafonte, 2018, p. 464.

*convicção que eles foram virtuosos naquele dia. Dizem alguns teólogos que o divino Imperador Antônio não era virtuoso, que era um estoico obstinado e que, não contente em governar os homens, ainda queria ser estimado por eles; que revertia para si os benefícios que fazia ao gênero humano; que foi durante toda a sua vida justo, trabalhador, benfeitor por vaidade e que só enganou os homens com sua virtude; então exclamo: «Meu Deus, dá-nos com frequência semelhantes trapaceiros».*<sup>3</sup> Isso está bem próximo do *lulismo* brasileiro. Se na solidão um indivíduo é glutão, alcoólatra e entregue a todo tipo de paixão animalesca da Alma, trata-se de um viciado, no entanto, é considerado virtuoso se no coletivo ele proporciona a felicidade de outros indivíduos. Essa me parece uma lógica utópica de Gato Félix. O ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva distribuiu inúmeros benefícios aos pobres do Brasil e por isso é considerado o melhor presidente que nós já tivemos (pelo menos para os que foram beneficiados), mas hoje está atrás das grades por crimes de corrupção, que atestam seu caráter, independentemente do *Bolsa Família* e outros programas populistas que supostamente tiram muitos indivíduos da miséria. Mas em verdade o que ele fez foi colocar a conta da pobreza de uns nas costas de outros que pagam impostos.

Na deontologia de Kant ou no utilitarismo de Mill, o foco é o dever, no que se deve fazer. Na ética como nos legaram os gregos da Antiguidade, àquilo que nós somos, a virtude de nossa identidade, define nossas ações, não o que *devemos* fazer.

Para um praticante do xamanismo helênico, quer dizer, a *Teurgia Clásica* de Jâmblico, que ensina uma visão animista da realidade, a virtude é uma entidade espiritual cujo pacto leva a *perfeição da Alma*.<sup>4</sup> Para Jâmblico, portanto, atos virtuosos, aliados e em acordo com o espírito da virtude, são os melhores, pois eles conduzem o indivíduo e àqueles que o cercam a sabedoria. Para os platonistas e neoplatonistas tardios, o espírito da virtude reside no plano das ideias. Através da prática da teurgia o indivíduo pode elevar a sua Alma até os planos das ideias e lá travar pacto com o espírito da virtude, alimentando-a com seus códigos de luz. Isso liberta o intelecto da influência *daimônica* do reino da matéria. Essa influência *daimônica* ou a força centrífuga dos *daimones* sobre a Alma, Jâmblico descreve como *paixões*. São estes os grilhões que prendem a Alma a matéria.

Para um teurgo, o mal é uma desarmonia na ordem cósmica, um desequilíbrio entre a Alma individual e a Alma do Mundo. Através da teurgia ele procura harmonizar a Alma individual com a Alma do Mundo, descobrindo através da prática teúrgica e contemplação meditativa sua natureza e sua função na engrenagem do cosmos. Ao estabelecer um pacto com o espírito da virtude, o teurgo procura harmonizar-se com o cosmos. Um homem virtuoso na visão teúrgica de Jâmblico é àquele que caminha de mãos dadas ou que fez um pacto com o espírito da virtude. A virtude não está, dessa maneira, sujeita a categorização humana. Ela vem do reino divinal, não possui iní-

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Veja Jâmblico, SOBRE A VIRTUDE.

cio ou fim e está além do tempo e espaço. Na medida em que o teurgo se eleva ao reino divino onde habita o espírito da virtude e lá comunga suas núpcias alquímicas, gradativamente ele expressa os códigos de luz da virtude nas suas palavras, ações e pensamentos.

Platão (428-348 a.C.) categorizou a virtude. A mais elevada das virtudes é a sabedoria, representada pela Deusa Sofia. O pacto com o espírito da virtude leva a comunhão teúrgica com a Deusa Sofia, a amante idolatrada por todos os filósofos. E uma vez que a virtude leva a perfeição da Alma através da teurgia, não seriam os virtuosos os mais adequados a gerenciar, como políticos, a sociedade? Não seriam estes virtuosos os responsáveis por transformar a sociedade no espelho do cosmos? Não seriam melhores políticos àqueles praticantes da teurgia, àqueles que elevam a Alma ao reino celestial da virtude? Para responder essas perguntas precisamos nos debruçar sobre o conceito de aristocracia.

Uma aristocracia pode ser definida, grosso modo, como *governo dos virtuosos*: virtude (*aretê*) e governo (*cracia*). *Aretê*, a virtude (também *força*) vem de *aristoi*, quer dizer, àquele que é capaz de manter-se sobre as próprias pernas porque tem força interior, caráter. Uma aristocracia, dessa maneira, é o governo onde os melhores, os mais virtuosos, governam os medianos, quer dizer, os débeis, ignorantes ou não virtuosos. Isso está claro em A REPÚBLICA de Platão onde a Academia seleciona os melhores para gerir a cidade. Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, em seu ÉTICA A NICÔMACO, fala do homem virtuoso, descrito como *grande alma* e que é capaz de através de sua força (*aretê*) alimentar a comunidade. Está claro que em Platão e Aristóteles, portanto, alguns poucos, os melhores, devem gerir o governo dos muitos, os débeis e indisciplinados, nos lembrando da parábola entre os indivíduos *cabeça* e os indivíduos *cauda*. Os melhores lideram, os médios seguem.

Como eu disse anteriormente, após o Séc. XVIII cresceu grande antipatia sobre esse conceito de aristocracia quando a filosofia *revolucionária* de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Karl Marx (1818-1883) iniciaram a politização da ética que transforma a falta de força e caráter no senso comum, instaurando a era das vítimas sociais. Essa é a gênese do politicamente correto que vitimiza negros, índios, homossexuais e até criminosos como estupradores e latrocidistas. Não podemos negar que existe sofrimento e segregação, mas é fato que o politicamente correto dá a esses grupos o monopólio do sofrimento, além das missivas de salvação da humanidade e apartamento da dor coletiva. O sofrimento, no entanto, é inerente a encarnação da Alma na matéria. Não há como estar encarnado e não sofrer e a teurgia ensina a tirar proveito disso, quando o mundo torna-se uma *encruzilhada de poder* para comunhão espiritual.

Os propagadores do politicamente correto difundem a ideia de que os homens virtuosos, os melhores (*aristoi*), são aproveitadores. Essa visão politicamente correta nivela por baixo, colocando no poder indivíduos médios. No entanto, é um fato que são os médios no poder que se aprovei-

tam, pois sendo eles desonestos, conduzem a crise do estado. Suas ações, baseadas estritamente na ignorância da desarmonia entre a Alma individual e a Alma do Mundo, produzem uma desarmonia entre a sociedade e o cosmos. Os virtuosos no poder, no entanto, procuram estabelecer a harmonia entre a sociedade e o cosmos porque primeiro eles se preocupam na harmonia entre a Alma individual e a Alma do Mundo.

Na Renascença, Nicolau Maquiavel (1469-1527) destacou que alguns poucos homens possuem *virtú* (virtude) enquanto que muitos outros não. A *virtú* é uma qualidade que somente alguns poucos homens possuem, o que os destaca dos muitos que não a possuem. Os homens de virtude, portanto, estão mais preparados para lidar com as dificuldades do mundo porque são mais fortes. Mas em Maquiavel, O PRÍNCIPE, o conceito de virtude caminha de mãos dadas com o conceito de *fortuna*, quer dizer, o *acaso*. Diferente da visão teúrgica animista, o *acaso* ou a *fortuna* trata-se de um mundo desprovido do divino, quer dizer, não há nenhuma força espiritual que gerencia os eventos da vida ou da matéria. Maquiavel destaca que o homem virtuoso enfrenta melhor a fortuna através de sua disciplina, ousadia e coragem. Ele ainda destaca que a fortuna é como uma mulher que demanda ousadia, impetuosidade e coragem no seu trato, não medo, timidez ou covardia.

O politicamente correto estabelece um ser humano idealizado, um *cidadão consciente*. É interessante que Maquiavel desconstrói essa ideia, pois diante da voracidade e ferocidade da fortuna, todo ser humano é invariavelmente fraco, facilmente corrompido, traidor e interesseiro. Um ser humano consciente e seja lá a idiotice que isso possa significar não escapa ao terror da fortuna. Um homem virtuoso, o *príncipe* de Maquiavel, é um ser humano mais preparado para lidar com a fortuna e, portanto, mais adequado ao governo dos muitos através de uma aristocracia competente, capaz de levar os muitos, a sociedade, a uma vida menos terrível diante do determinismo da fortuna.

A coragem é uma virtude e sua prática proporciona ganhos em todas as áreas. Quando um teurgo invoca o espírito da coragem (*andréias*) e alimenta sua Alma com seus códigos de luz, ele se torna *constante*, desenvolve o valor da perseverança e da bravura, o que o capacita a suportar melhor a dor e a lidar com os problemas do mundo, pois é nobre que assim ele o faça. Jâmblico descreve a bravura como um estado de mente inabalável e quando unida a sabedoria, o teurgo sabe o que deve fazer e quando deve fazer, discernindo entre o que é bom para si mesmo e para a sociedade, o que deve ser temido e o que não deve. A preguiça e a mesquinhez são vícios que, quando colocados em prática pelo indivíduo, geram miséria. Virtudes como força e coragem tornam as relações mais verdadeiras; por outro lado, a ausência de virtudes como essas faz das relações mentirosas e traiçoeiras.

A ideia do politicamente correto é espiritualmente incorreta. Ele nivela a sociedade pelos indivíduos *cauda* e os coloca como regentes de todos, causando um desequilíbrio na ordem cósmica. Desde que o mundo é mundo os

poucos e melhores regem os muitos e medíocres. Isso é um fato e contra fatos não há argumentos.

Ζητει Μυστηρια



**Sobre o Autor:** Fernando Liguori é hermetista praticante e escritor interessado em Neoplatonismo, Tradição Salomônica, Magia na Antiguidade, Filosofia, Yoga, Tantra, Āyurveda, Xamanismo e Cabala Crioula. É líder e fundador do *Colegiado da Luz Hermética*, uma Escola Neoplatônica de Iniciação que inclui uma Igreja de Ciências Herméticas (*Ecclesiae Lvx Hermeticae*) e a *Ordem das Irmãs de Seshat*, cujo trabalho é apresentar os Arcanos de Mistério da Tradição Esotérica Ocidental sob uma perspectiva feminina e para mulheres apenas. Nós celebramos os Mistérios & Arcanos da Iniciação através do conhecimento inspirado transmitido por Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Plotino, Jâmblico, Dionísio, o Areopagita e Marsílio Ficino. Somos uma comunidade teúrgica ecumênica fundada na cidade de Juiz de Fora (MG). Nós nos esforçamos para nos engajar na veneração do divino e alcançar o autoconhecimento celestial.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARISTÓTELES. *A Política*. Edipro, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Ética a Nicômaco*. Edipro, 2018.
- GERSON, Lloyd P. (ORG.). *Plotino*. Ideias & Letras, 1996.
- JÂMBLICO. *The Mysteries of the Egyptians, Chaldeans and Assyrians*. Bertram Dobell, 1831.
- KUPPERMAN, Jeffrey S. *Living Theurgy: A Course in Iamblichus' Philosophy, Theology and Theurgy*. Avalonia, 2013.
- PLATÃO. *A República*. Edipro, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Político* (em *Diálogos*, Vol. IV). Edipro, 2015.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia*. Leya, 2012.
- REALE, Giovanni. *Plotino e o Neoplatonismo*. Edições Loyola, 2017.
- SHAW, Gregory. *Theurgy and the Soul: The Neoplatonism of Iamblichus*. Angelico Press, 2014.
- UŽDAVINYS, Algis. *Philosophy & Theurgy in Late Antiquity*. Angelico Press, 2010.
- VOLTAIRE, *Dicionário Filosófico*. Lafonte, 2018.